

EXPOSIÇÃO

Imagem em corrosão

Com “O olhar que espreita por meus olhos”, Solon Ribeiro inflama a significação em torno da fotografia

ANTONIO LAUDENIR
Repórter

A posse de instantes da vida é cercada por fascínio não raro angustiante. Registrar, ter e acumular fotografias tornou-se uma das possibilidades de eternizar um momento. Além de brega, o sentido acerca desse “eternizar” é sensivelmente refém de elementos díspares, que vão da fragilidade dos materiais fotográficos à inevitável efemeridade da vida. O tempo age como um solvente poderoso e irreversível.

Diariamente, as lembranças motivam dores, amores, medocridades e mediam espectros tecnológicos entranhados nos mais diferentes segmentos da sociedade. Para Solon Ribeiro interessa perder-se sobre a ideia de que inexistente vida sem espectador e que esta “vida” é o resultado de uma grande encenação coletiva. Encarar este espetáculo do comum, da intimidade familiar, surge como discurso para pensar o mistério da imagem e as questões da fotografia.

Algumas destas motivações banham diretamente a exposição “O olhar que espreita por meus olhos”, com abertura hoje, às 19h, na Sem Título Galeria. Ao todo, o espaço reúne 30 peças (entre fotogramas, fotografias e vídeo) do acervo pessoal do pesquisador. Esta verdadeira imersão sobre as possibilidades em torno da imagem fica disponível até 12 de julho.

Artista e professor, graduado em arte e comunicação, com especialização em fotografia pela L'École Supérieure des Arts Decoratifs, Paris (1991), Solon investiga os cruzamentos entre fotografia, cinema, cenografia, instalação e performance. Adentrando o signo do olhar contemporâneo, esta entrega leva em conta o fenômeno da saturação das imagens. A imagem, antes de qualquer processo técnico,



Obras que compõem a exposição “O olhar que espreita por meus olhos”: espetáculo do comum como discurso para pensar o mistério da imagem

conjuga o mistério de seus aspectos lúdicos e metafísicos.

Imersão

Um dos métodos empreendidos pelo cearense é guiado pela recontextualização de imagens e fotogramas cinematográficos oriundos de montagens narrativas. Outro ponto de força é problematizar o estatuto da foto enquanto arquivo (documento) e dismantlar esta relação íntima com o passado. O intuito é “liberar” a imagem para adesão de novas formas e significações.

Na série reunida na exposição, constam acirramentos entre público e privado, entre o olhar que deseja e o que é desejado. Para a curadora Jacqueline

Medeiros, estas interferências são muito peculiares e evidenciam o estranhamento de Solon diante deste universo.

Como bem observa Jacqueline no rico texto de apresentação da exposição, “o artista toma um lugar de ambivalência onde ora é o personagem projetado no trabalho, ora é espectador”. Assim, o jogo fotográfico de “O olhar que espreita por meus olhos” lança o alicerce de sua estrutura enquanto narrativa.

Ao construir afetos por meio da sobreposição das imagens, originalmente desconectadas, o pesquisador transforma essa “potência caótica do entrelaçamento em documentos de vida”. Atuando como capítulos que desvendam o íntimo em seu contexto particular e público, a exposição interfere como um “documentário performativo”, dirigido à subjetividade social e aos vínculos entre as matizes da fotografia, fotógrafo e fotografado.

Divisão

A escolha por dividir este acervo em “capítulos” partiu da própria curadora. “Foi a opção diante de uma mostra que questiona essa imagem que está sendo exposta e quem é esse fotografado nesse mundo de imagens e aparências”, detalha Jacqueline.

A primeira parte desta narrativa inclui um conjunto de três fotos, todas um alter ego do artista. A partir de um boneco, uma miniatura de um fotógrafo a postos para o primeiro clique, que sai pelas ruas fotografando sombras, Solon homenageia o fotógrafo francês Eugene Atget (1857-1927) cuja fotografia das mais conhecidas, denominada “Au Petit Dunkerque, 3 quai Conti” (1900), apresenta a entrada de um bistrô parisiense do ponto de vista de um pedestre.

“Na porta central, abaixo do nome do restaurante, surge uma figura fantasmagórica, de irreconhecíveis feições humanas, que contrasta com a precisão dos detalhes da arquitetura daquele lugar”, descreve Jacqueline. O tema fantasmagoria, aliás, é um recurso recorrente na obra do francês. Partindo desse indício, Solon fotografa a própria sombra sendo fotografada por esse pequeno fotógrafo. São evidências do desejo de se distanciar do ato de fotografar, uma vez que quem está fotografando é seu alter ego.

Disposto na parede oposta há uma sequência de imagens do interior de uma casa, no entanto, este ambiente está desconstruído, podendo ser também um ambiente externo a essa residência. As imagens foram invadidas por fungos, o que vai interessar ao artista, no caso, é a matéria do suporte fotográfico. Se na sequência anterior a cena fotografada pelo artista é uma projeção de si, nesta é o ambiente que

surge no reflexo do espelho presente na cena retratada. O espelho cria um duplo, onde o fora torna-se reflexo do dentro.

Continuidade

Logo em sequência, são apresentadas um conjunto de imagens que celebram a obra de Gustave Courbert (1819-1877). Nesse conjunto, a fotografia volta a ser o tema com seus modelos nas praças parisienses e o teatro que surge em algumas imagens para nos dizer que a vida é um grande espetáculo.

No próximo capítulo, um conjunto de cinco fotogramas com imagens de grandes divas do cinema, apropriados dos anos de 1950, perdem a áurea de glamour ao serem desconstruídas por um grupo de artistas do ateliê Gaia, do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira e do Museu Bispo do Rosário (RJ).

Surgem assim questionamentos sobre que imagens estão sendo alteradas: são retratos de personagens do cinema, não são re-

Encarar este espetáculo do comum, da intimidade familiar, surge como discurso para pensar o mistério da imagem

tratos pessoais, é uma representação da áurea do cinema que volta à condição de fotografia para serem interferidas, se transformarem em pintura e retornarem como objetos da exposição.

Através de quatro retratos de família comprados nas feiras de Paris, Solon pratica o terreno da interferência. São retratos oficiais, quase pinturas, sujeitas a reagentes químicos e intempéries nos anos. Desse choque, emergem uma outra forma visual, dotada de apenas vestígios da pintura original. É a dissolução da forma e a instauração de novas relações a partir das quais é possível produzir realidades.

O espelho ressurgiu em mais reflexos do artista na última imagem que abre caminho para a projeção do vídeo em homenagem ao artista Bispo do Rosário. E a narrativa é reiniciada. “Entender as fotografias de Solon Ribeiro é pensar como a documentação de acontecimentos pode restituir a força e o valor de ruptura próprias da origem da fotografia”, finaliza a curadora.

Mais informações:

Exposição: O olhar que espreita por meus olhos, de Solon Ribeiro, hoje, às 19h, na Sem Título Arte (Rua João Carvalho, 66, Aldeota). Gratuito. Contato: (85) 98881.8261

CINEMA

A fama tragicômica de Guillaume Canet

Guillaume Canet é injustamente pouco conhecido no Brasil. Uma das poucas referências que se tem a seu respeito por aqui é que ele namora a atriz Marion Cotillard, com quem tem dois filhos. Pois é dele “Rock’n Roll – Por Trás da Fama”, um dos destaques do Festival Varilux, sátira ao mundo das celebridades e da eterna busca pela juventude, mais comum entre quem compete por papéis no cinema que entre o resto dos mortais. Pelo menos essa é a tese do filme.

Na trama, Guillaume Canet é Guillaume Canet, ator e diretor francês que vive com a namorada, Marion Cotillard (Marion Cotillard), e um filho do casal, Lucien (Tifenn Michel-Borgey, único que não representa a si próprio no filme).

Guillaume atua no filme de um amigo, Philippe Lefebvre, fazendo um padre e pai de uma jovem vivida pela atriz e modelo Camille Rowe. O clima no set

é de harmonia, até que aparece uma jornalista para entrevistar os dois. Na conversa eles trocam carinhos, até a garota dizer que ele já não é mais tão “rock’n roll” e não está no topo da lista de celebridades com quem ela e as amigas transariam.

O comentário cala fundo no coração do ator, que começa uma jornada em busca de seu “inner rock’n roll”. É um pouco uma trama de uma piada só; no resto do filme, Canet quer ser jovem de novo, não quer papéis de sujeitos bem-comportados.

Graça

Uma das graças do filme é espiar um pouco a parte “documental”, dele e de Marion vivendo juntos, criando o filho, comemorando prêmios, chorando as derrotas e também fazendo uma horta no meio do apartamento para ter legumes orgânicos ou montando a cavalo – esporte de predileção do Canet real.

Mas, no filme, ele passa a achar que todas essas notícias sobre sua vida estão ferindo sua imagem. E decide mudar tudo para manter sua fama de playboy, de rebelde.

Começa se revoltando contra o personagem que interpreta no filme dentro do filme, experimentando sotaques e entrando em cena como se estivesse bêbado.

Depois, leva a rebeldia para a vida, e passa a sair para noitadas em que acaba vomitando na calçada, para sua grande alegria no dia seguinte. São essas as notícias que ele quer ver circulando por aí.

Canet também leva sua piada às últimas consequências, até o humor virar constrangimento e pastelão. Mas faz tudo isso com graça e leveza. E, embora seja um pouco arrastado em algumas sequências, vale a pena ver até o final, depois dos créditos. Acredite, a última risada é das melhores.

PROMOÇÕES PARA VOCÊ APROVEITAR A VIDA COM MAIS VANTAGENS.



BOLEROS

Alcega



20 DE JULHO
QUINTA 21H

TEATRO RIOMAR
FORTALEZA

MAIS INFORMAÇÕES
TEATRORIOMARFORTALEZA.COM.BR

CANALS DE VENDAS OFICIAIS
BILHETERIA DO TEATRO RIOMAR FORTALEZA
INGRESSORAPIDO.COM.BR

Garanta o seu desconto e concorra a ingressos.

50%

ASSINANTE DO DIÁRIO DO NORDESTE, ACESSE
WWW.DIARIODONORDESTE.COM.BR/CLUBEDOASSINANTE
E SAIBA COMO PARTICIPAR.


